

## DOMINGO V DA PÁSCOA

### CIC 2746-2751: a oração de Jesus na última Ceia

**2746** Ao chegar a sua «Hora», Jesus ora ao Pai<sup>1</sup>. A sua oração, a mais longa que nos é transmitida pelo Evangelho, abraça toda a economia da criação e da salvação, bem como a sua morte e ressurreição. A oração da «Hora» de Jesus continua sempre sua, tal como a sua Páscoa, acontecida «uma vez por todas», continua presente na liturgia da sua Igreja.

**2747** A tradição cristã chama-lhe, a justo título, a oração «sacerdotal» de Jesus. Ela é, de facto, a oração do nosso Sumo-Sacerdote, inseparável do seu sacrifício, da sua «passagem» (páscoa) deste mundo para o Pai, em que é inteiramente «consagrado» ao Pai<sup>2</sup>.

**2748** Nesta oração pascal, sacrificial, tudo está «recapitulado» n'Ele<sup>3</sup>: Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que n'Ele hão-de crer pela palavra deles, a humilhação e a glória. É a Oração da Unidade.

**2749** Jesus cumpriu perfeitamente a obra do Pai e a sua oração, como o seu sacrifício estende-se até à consumação do tempo. A oração da «Hora» preenche os últimos tempos e leva-os à sua consumação. Jesus, o Filho a Quem o Pai tudo deu, entrega-Se todo ao Pai; e, ao mesmo tempo, exprime-Se com uma liberdade soberana<sup>4</sup>, segundo o poder que o Pai Lhe deu sobre toda a carne. O Filho, que Se fez Servo, é o Senhor, o *Pantocrátor*. O nosso Sumo-Sacerdote que ora por nós é também Aquele que em nós ora e o Deus que nos atende.

**2750** É entrando no santo nome do Senhor Jesus que podemos acolher, desde dentro, a oração que Ele nos ensina: «Pai nosso!». A sua oração sacerdotal inspira, a partir de dentro, as grandes petições do Pai-nosso: a preocupação com o nome do Pai<sup>5</sup>, a paixão pelo seu Reino (a glória)<sup>6</sup>, o cumprimento da vontade do Pai, do seu desígnio de salvação<sup>7</sup>, e a libertação do mal<sup>8</sup>.

**2751** Finalmente, é nesta oração que Jesus nos revela e nos dá o «conhecimento» indissociável do Pai e do Filho<sup>9</sup>, que é o próprio mistério da vida de oração.

<sup>1</sup> Cf. Jo 17.

<sup>2</sup> Cf. Jo 17, 11.13.19.

<sup>3</sup> Cf. Ef 1, 10.

<sup>4</sup> Cf. Jo 17, 11.13.19.24.

<sup>5</sup> Cf. Jo 17, 6.11.12.26.

<sup>6</sup> Cf. Jo 17, 1.5.10.22.23-26.

<sup>7</sup> Cf. Jo 17, 2.4.6.9.11.12.24.

<sup>8</sup> Cf. Jo 17, 15.

<sup>9</sup> Cf. Jo 17, 3.6-10.25.

## CIC 661, 1025-1026, 2795: Cristo abre-nos o caminho do Céu

**661** Esta última etapa continua intimamente unida à primeira, isto é, à descida do céu realizada na Encarnação. Só Aquele que «saiu do Pai» pode «voltar para o Pai»: Cristo<sup>10</sup>. «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem» (Jo 3, 13)<sup>11</sup>. Abandonada às suas forças naturais, a humanidade não tem acesso à «Casa do Pai»<sup>12</sup>, à vida e à felicidade de Deus. Só Cristo pôde abrir ao homem este acesso: «subindo aos céus, como nossa cabeça e primogénito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu corpo»<sup>13</sup>.

**1025** Viver no céu é «estar com Cristo»<sup>14</sup>. Os eleitos vivem «n'Ele»; mas n'Ele conservam, ou melhor, encontram a sua verdadeira identidade, o seu nome próprio<sup>15</sup>:

«Porque a vida consiste em estar com Cristo, onde está Cristo, aí está a vida, aí está o Reino»<sup>16</sup>.

**1026** Pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo «abriu-nos» o céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n'Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n'Ele.

**2795** O símbolo dos céus remete-nos para o mistério da Aliança que nós vivemos, quando rezamos ao Pai. Ele está nos céus: é a sua morada. A casa do Pai é, pois, a nossa «pátria». Foi da terra da Aliança que o pecado nos exilou<sup>17</sup>, e é para o Pai, para o céu, que a conversão do coração nos faz voltar<sup>18</sup>. Ora, foi em Cristo que o céu e a terra se reconciliaram<sup>19</sup>, porque o Filho «desceu do céu», sozinho, e para lá nos faz subir juntamente consigo, pela sua cruz, ressurreição e ascensão<sup>20</sup>.

## CIC 151, 1698, 2466, 2614: crer em Jesus

**151** Para o cristão, crer em Deus é crer inseparavelmente n'Aquele que Deus enviou – «no seu Filho muito amado» em quem Ele pôs todas as suas complacências<sup>21</sup>: Deus mandou-nos que O escutássemos<sup>22</sup>. O próprio Senhor disse aos seus discípulos: «Acreditais em Deus, acreditai também em Mim» (Jo 14, 1). Podemos crer em Jesus Cristo, porque Ele próprio é Deus, o Verbo feito carne:

<sup>10</sup> Cf. Jo 16, 28.

<sup>11</sup> Cf. Ef 4, 8-10.

<sup>12</sup> Cf. Jo 14, 2.

<sup>13</sup> *Prefácio de Ascensão, I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 410 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 474].

<sup>14</sup> Cf. Jo 14, 3; Fl 1, 23; 1 Ts 4, 17.

<sup>15</sup> Cf. Ap 2, 17.

<sup>16</sup> SANTO AMBRÓSIO, *Expositio evangelii secundum Lucam* 10, 121: CCL 14, 379 (PL 15, 1927).

<sup>17</sup> Cf. Gn 3.

<sup>18</sup> Cf. Jr 3, 19 – 4, 1a; Lc 15, 18.21.

<sup>19</sup> Cf. Is 45, 8; Sl 85, 12.

<sup>20</sup> Cf. Jo 12, 32; 14, 2-3; 16, 28; 20, 17; Ef 4, 9-10; Heb 1, 3; 2, 13.

<sup>21</sup> Cf. Mc 1, 11.

<sup>22</sup> Cf. Mc 9, 7.

«A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Jo 1, 18). Porque «viu o Pai» (Jo 6, 46), Ele é o único que O conhece e O pode revelar<sup>23</sup>.

**1698** A referência, primeira e última, desta catequese será sempre o próprio Jesus Cristo, que é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6). De olhos postos n'Ele com fé, os cristãos podem esperar que Ele próprio realize neles as suas promessas e, amando-O com o amor com que Ele os amou, podem fazer as obras correspondentes à sua dignidade:

«Rogo-te que penses em nosso Senhor Jesus Cristo como tua verdadeira cabeça, e em ti como um dos seus membros. Ele é para ti como a cabeça para os membros. Tudo o que é d'Ele é teu: o espírito, o coração, o corpo, a alma e todas as faculdades. Deves usar de todas elas como se fossem realmente tuas, para servir, louvar, amar e glorificar a Deus. Tu és para Ele como um membro em relação à cabeça; e, por isso, também Ele deseja ardentemente servir-Se de todas as tuas faculdades como se fossem suas, para servir e glorificar o Pai»<sup>24</sup>.

«Para mim, viver é Cristo» (Fl 1, 21).

**2466** Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade»<sup>25</sup>, Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele é a verdade<sup>26</sup>. Quem nele crê não fica nas trevas<sup>27</sup>. O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta»<sup>28</sup> e que santifica<sup>29</sup>. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade»<sup>30</sup> que o Pai envia em seu nome<sup>31</sup> e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13). Aos seus discípulos, Jesus ensina o amor incondicional à verdade: «que a vossa linguagem seja: “sim, sim; não, não”» (Mt 5, 37).

**2614** Quando Jesus confia abertamente aos discípulos o mistério da oração ao Pai, desvenda-lhes o que deve ser a oração deles e a nossa quando Ele tiver voltado para junto do Pai, na sua humanidade glorificada. O que há de novo agora é o «pedir em seu nome»<sup>32</sup>. A fé n'Ele introduz os discípulos no conhecimento do Pai, porque Jesus é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6). A fé dá os seus frutos no amor: guardar a sua Palavra, os seus mandamentos, permanecer com Ele no Pai que n'Ele nos ama ao ponto de permanecer em nós. Nesta aliança nova, a certeza de sermos atendidos nas nossas petições baseia-se na oração de Jesus<sup>33</sup>.

<sup>23</sup> Cf. Mt 11, 27.

<sup>24</sup> SÃO JOÃO EUDES, *Le Coeur admirable de la Très Sacrée Mère de Dieu*, 1, 5: *Oeuvres complètes*, v. 6 (Paris 1908) p. 113-114.

<sup>25</sup> Cf. Jo 1, 14.

<sup>26</sup> Cf. Jo 14, 6.

<sup>27</sup> Cf. Jo 12, 46.

<sup>28</sup> Cf. Jo 8, 31-32.

<sup>29</sup> Cf. Jo 17, 17.

<sup>30</sup> Cf. Jo 14, 17.

<sup>31</sup> Cf. Jo 14, 26.

<sup>32</sup> Cf. Jo 14, 13.

<sup>33</sup> Cf. Jo 14, 13-14.

## CIC 1569-1571: a Ordenação dos diáconos

- 1569** «No grau inferior da hierarquia estão os diáconos, aos quais foram impostas as mãos, “não em vista do sacerdócio, mas do serviço”»<sup>34</sup>. Para a ordenação no diaconado, só o bispo é que impõe as mãos, significando com isso que o diácono está especialmente ligado ao bispo nos encargos próprios da sua «diaconia»<sup>35</sup>.
- 1570** Os diáconos participam de modo especial na missão e na graça de Cristo<sup>36</sup>. O sacramento da Ordem marca-os com um *selo* («carácter») que ninguém pode fazer desaparecer e que os configura com Cristo, que se fez «diácono», isto é, o servo de todos<sup>37</sup>. Entre outros serviços, pertence aos diáconos assistir o bispo e os sacerdotes na celebração dos divinos mistérios, sobretudo da Eucaristia, distribuí-la, assistir ao Matrimónio e abençoá-lo, proclamar o Evangelho e pregar, presidir aos funerais e consagrar-se aos diversos serviços da caridade<sup>38</sup>.
- 1571** A partir do II Concílio do Vaticano, a Igreja latina restabeleceu o diaconado «como grau próprio e permanente da hierarquia»<sup>39</sup>, enquanto as Igrejas do Oriente o tinham sempre mantido. Este *diaconado permanente*, que pode ser conferido a homens casados, constitui um enriquecimento importante para a missão da Igreja. Com efeito, é apropriado e útil que homens, cumprindo na Igreja um ministério verdadeiramente diaconal, quer na vida litúrgica e pastoral, quer nas obras sociais e caritativas, «sejam fortificados pela imposição das mãos, transmitida desde os Apóstolos, e mais estreitamente ligados ao altar, para que cumpram o seu ministério mais eficazmente por meio da graça sacramental do diaconado»<sup>40</sup>.

## CIC 782, 803, 1141, 1174, 1268, 1322: “a geração eleita, o sacerdócio real”

- 782** O povo de Deus possui características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história:
- é o povo *de Deus*: Deus não é propriedade de nenhum povo; mas adquiriu para Si um povo constituído por aqueles que outrora não eram um povo: «raça eleita, sacerdócio real, nação santa» (1 Pe 2, 9);
  - vem-se a ser *membro* deste povo, não pelo nascimento físico, mas pelo «nascimento do Alto», «da água e do Espírito» (Jo 3, 3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Baptismo;
  - este povo tem por *Cabeça* Jesus Cristo (o Ungido, o Messias): porque a mesma unção, o Espírito Santo, flui da Cabeça por todo o Corpo, este é o «povo messiânico»;
  - «a *condição* deste povo é a dignidade da liberdade dos filhos de Deus: nos seus corações, como num templo, reside o Espírito Santo»<sup>41</sup>;

<sup>34</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 29: AAS 57 (1965) 36; cf. Id., Decr. *Christus Dominus*, 15: AAS 58 (1966) 679.

<sup>35</sup> Cf. SANTO HIPÓLITO DE ROMA, *Traditio apostolica*, 8: ed. B. BOTTE (Münster i.W. 1989) p. 22-24.

<sup>36</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 41: AAS 57 (1965) 46; Id., Decr. *Ad gentes*, 16: AAS 58 (1966) 967.

<sup>37</sup> Cf. *Mc* 10, 45; *Lc* 22, 27; SÃO POLICARPO DE ESMIRNA, *Epistula ad Philippenses* 5, 2: SC 10bis, 182 (FUNK 1, 300).

<sup>38</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 29: AAS 57 (1965) 36; Id., Const. *Sacrosanctum Concilium*, 35, 4: AAS 56 (1964) 109; Id., Decr. *Ad gentes*, 16: AAS 58 (1966) 967.

<sup>39</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 29: AAS 57 (1965) 36.

<sup>40</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 16: AAS 58 (1966) 967.

<sup>41</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

- «a sua *lei* é o mandamento novo, de amar como o próprio Cristo nos amou<sup>42</sup>»; é a lei «nova» do Espírito Santo<sup>43</sup>;
- a sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo<sup>44</sup>. «Constitui para todo o género humano o mais forte germen de unidade, esperança e salvação»<sup>45</sup>;
- o seu destino, finalmente, é «o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve dilatar cada vez mais, até ser também por Ele consumado no fim dos séculos»<sup>46</sup>.

**803** «*Vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido*» (1 Pe 2, 9).

**1141** A assembleia que celebra é a comunidade dos baptizados, que «pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para ser uma casa espiritual e um sacerdócio santo, para oferecerem mediante todas as obras do cristão sacrifícios espirituais»<sup>47</sup>. Este «sacerdócio comum» é o de Cristo, único Sacerdote, participado por todos os seus membros<sup>48</sup>:

«É desejo ardente da Mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1 Pe 2, 9)<sup>49</sup>»<sup>50</sup>.

**1174** O mistério de Cristo, a sua Encarnação e a sua Páscoa, que celebramos na Eucaristia, especialmente na assembleia dominical, penetra e transfigura o tempo de cada dia pela celebração da Liturgia das Horas, «o Ofício divino»<sup>51</sup>. Esta celebração, na fidelidade às recomendações apostólicas de «orar sem cessar»<sup>52</sup>, «constituiu-se de modo a consagrar, pelo louvor a Deus, todo o curso diurno e nocturno do tempo»<sup>53</sup>. É «a oração pública da Igreja»<sup>54</sup>, na qual os fiéis (clérigos, religiosos e leigos) exercem o sacerdócio real dos baptizados. Celebrada «segundo a forma aprovada» pela Igreja, a Liturgia das Horas «é verdadeiramente a voz da própria Esposa que fala com o Esposo; mais ainda, é a oração que Cristo, unido ao seu corpo, eleva ao Pai»<sup>55</sup>.

**1268** Os baptizados tornaram-se «pedras vivas» para «a edificação dum edifício espiritual, para um sacerdócio santo» (1 Pe 2, 5). Pelo Baptismo, participam no sacerdócio de Cristo, na sua missão profética e real, são «raça eleita, sacerdócio de reis, nação santa, povo que Deus tornou seu», para anunciar os louvores

<sup>42</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13; cf. *Jo* 13, 34.

<sup>43</sup> Cf. *Rm* 8, 2; *Gl* 5, 25.

<sup>44</sup> Cf. *Mt* 5, 13-16.

<sup>45</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

<sup>46</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

<sup>47</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 14.

<sup>48</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 14; *Ibid.*, 34: AAS 57 (1965) 40; ID., Decr. *Presbyterorum ordinis*, 2: AAS 58 (1966) 991-992.

<sup>49</sup> Cf. 1 Pe 2, 4-5.

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 14: AAS 56 (1964) 104.

<sup>51</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, IV, 83-101: AAS 56 (1964) 121-125.

<sup>52</sup> Cf. 1 Ts 5, 17; *Ef* 6, 18.

<sup>53</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 84: AAS 56 (1964) 121.

<sup>54</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 98: AAS 56 (1964) 124.

<sup>55</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 84: AAS 56 (1964) 121.

d'Aquele que os «chamou das trevas à sua luz admirável» (1 Pe 2, 9). *O Baptismo confere a participação no sacerdócio comum dos fiéis.*

**1322** A sagrada Eucaristia completa a iniciação cristã. Aqueles que foram elevados à dignidade do sacerdócio real pelo Baptismo e configurados mais profundamente com Cristo pela Confirmação, esses, por meio da Eucaristia, participam, com toda a comunidade, no próprio sacrifício do Senhor.